
James Bond e o mito do herói: uma análise da Jornada e seus arquétipos em Skyfall

Vitória Moraes de Oliveira Reis

Mestranda em Comunicação Visual - Universidade Estadual de Londrina

Orientador: Prof. Dr. André Azevedo da Fonseca

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar de que forma a Jornada do Herói e seus arquétipos foram incorporados nos filmes da franquia de James Bond, tomando como base a análise específica do filme Skyfall. Para tanto, por meio do método do estudo de caso, utilizamos a análise fílmica de Vogler. Observa-se nas histórias de James Bond a presença de uma estrutura muito semelhante ao modelo de outros heróis. Portanto, por mais específica que possa ser sua história, em Skyfall novamente nota-se que o agente secreto 007 é uma atualização de vários padrões sociais refletidos na Jornada do herói, presente no cotidiano dos indivíduos desde seu início.

Palavras-chave: Cinema. James Bond. Skyfall. Herói. Jornada do Herói.

Introdução

Meu nome é Bond... James Bond! Dois nomes, nove letras e uma frase de apresentação. Assim começou, em 1962, a trajetória de um dos heróis mais célebres do cinema ocidental na contemporaneidade: James Bond. O personagem foi idealizado durante a Guerra Fria por Ian Fleming, jornalista, escritor e ex-agente do serviço secreto britânico que atuou na Segunda Guerra Mundial. O autor trabalhou em diversos setores dentro da inteligência naval britânica durante a guerra, inclusive como assistente pessoal do presidente norte-americano Franklin D. Roosevelt. Em consequência disso, James Bond, como reflexo do próprio autor, é um agente do serviço secreto britânico imerso no ambiente capitalista, repleto de tecnologias fáceis, ternos caros, carros da moda, bebidas sofisticadas, mulheres a seu dispor e inimigos vulneráveis à sua competência. Tudo isto lançado e perpetuado a partir de 1962, na Guerra Fria. (GARDINER, 2008). O personagem é muito palpável à realidade contemporânea, não vem de outros

planetas ou possui qualquer força sobrenatural, como têm, por exemplo, os super-heróis produzidos pela Marvel ou DC Comics. É um herói na concepção mais humana possível, charmoso, extremamente competente em seu serviço e possuidor de aparatos tecnológicos para ajudá-lo em suas missões. Uma ficção que se relaciona com a realidade e seduz facilmente todos os tipos de público, fazendo um perfeito contraponto com as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos reais no dia-a-dia.

Para compor James Bond, o autor Ian Fleming e também os produtores cinematográficos se apropriaram da estrutura narrativa do mito do herói de Vogler (2006). Desta maneira, o objetivo deste artigo é analisar de que forma esta estrutura foi incorporada nos filmes da franquia de James Bond, tomando como base a análise específica do filme *Skyfall*¹. Para tanto, empregamos o método do estudo de caso e empreendemos uma análise filmica, tal como proposta por Vogler.

O James Bond de *Skyfall*

Skyfall é o vigésimo terceiro filme da franquia e o terceiro filme em que Daniel Craig interpreta James Bond. Foi dirigido por Sam Mendes e seu roteiro foi

¹ [br/pt: 007 – Operação Skyfall](#)

assinado por Neal Purvis, John Logan e Robert Wade. Os roteiristas mais uma vez buscaram inspiração nas histórias de Ian Fleming; mas desta vez, sem um livro específico como base. No que diz respeito às questões estruturais do filme, foi novamente produzido pela EON Productions e distribuído por duas empresas: MGM e Columbia Pictures. Do lançamento anterior da franquia até *Skyfall* houve um hiato de cinco anos, algo não muito comum nos filmes de James Bond, que normalmente possuem no máximo dois anos de diferença entre um lançamento e outro. Isto aconteceu em decorrência aos problemas financeiros que a MGM sofreu em 2010. No entanto, coincidência ou não, a espera gerou bons frutos, pois *Skyfall* é o filme com maior bilheteria de todas as produções de James Bond e a nona de todos os tempos.² Muitos foram os motivos pelos quais o filme foi tão bem recebido pelo público, mas talvez a maior razão tenha sido a reestruturação do personagem nos moldes antigos e mais próximos da primeira composição criada por Ian Fleming. No entanto, antes de discorrer mais profundamente sobre *Skyfall* e sua proximidade com o James Bond original, é necessário destacar suas diferenças estruturais com os dois últimos filmes de Daniel Craig como agente 007, para podermos entender melhor o contexto filmico de 2012.

² Os lucros das bilheterias de todos os filmes podem ser observados no site *The numbers*. Informação disponível em: <<http://www.the-numbers.com/movies/franchise/James-Bond>> Acessado em: 30 junho 2014

Daniel Craig vive James Bond desde 2006 nas telas de cinemas, mas os primeiros dois trabalhos do ator na franquia, *Casino Royale* (2006) e *Quantum of Solace* (2008)³ descaracterizam o personagem, que nega seus antigos costumes, como beber Vodka Martini, andar sempre com ternos e dirigir carros de luxo, além de não falar seu bordão tradicional ao se apresentar. Os filmes se inserem então no cenário de ação cinematográfica, fazendo referências diretas a outros filmes do mesmo gênero. Estas duas produções ignoram características específicas de James Bond, inclusive as físicas, uma vez que Daniel Craig é o primeiro 007 loiro, muito diferente daquele imaginado por Fleming. Pode-se dizer, então, que houve uma reconstrução do James Bond. A produção se centrou em um personagem genérico de ação que levasse o nome de James Bond, e não em James Bond, o agente de ação em campo do MI6. Desta maneira, o novo agente 007 é mais impetuoso, se machuca muito mais do que os outros Bonds e erra constantemente, características não muito comuns no personagem original. Os dois filmes não desapontaram no que diz respeito ao rendimento financeiro, as bilheteria foram satisfatória, principalmente com *Casino Royale*, segunda maior bilheteria da franquia, mas havia uma lacuna no personagem e tanto o público como a crítica especializada notaram esta ausência.⁴

3 br/pt: 007 – Cassino Royale e 007 – Quantum of Solace

4 Esta informação foi retirada do site Oficial da franquia de James Bond

Skyfall não nega o ritmo de ação mais acelerado de *Quantum of Solace* e *Casino Royale*, mas se aproxima bem mais das características principais de James Bond. Ao ser baleado e tido como morto, Bond tem a opção de se aposentar, mas decide voltar. Mesmo se sentindo desajustado ao novo MI6, o agente passa por testes e provas, tentando ser aceito no Serviço Secreto pela segunda vez. Esta fase probatória é novidade na franquia, que já desde o início apresentou James Bond como agente aprovado e extremamente capacitado para suas missões. Neste ato simbólico de morte, renascimento e reestabelecimento do personagem, James Bond volta como um agente mais próximo daquele apresentado nos primeiros filmes da franquia. Dirige o Aston Martin DB5 com a placa BMT216A que o James Bond de Sean Connery dirigiu em *Goldfinger* (1964), bebe Martini “batido, não mexido”, volta a vestir terno na maior parte do tempo e seu principal *gadget* de ataque é novamente uma *Walther PPK*, tal como no primeiro filme *Dr. No* (1962). Contudo, este resgate das características primeiras vai muito além dos bens materiais de James Bond. Personagens que ora foram cortados da franquia retornam em grande estilo, tal como Eve Moneypenny, o jovem Quartermaster (Q) e Mallory (M) que substitui Emma e reconstrói seu escritório nos moldes dos primeiros filmes. Tudo isso

no Brasil. Informação disponível em: <<http://jamesbondbrasil.com/>>. Acesso: 30 junho 2014.

acompanhado do lendário tema original composto por Monty Norman.

Somente estas características estruturais já dão mais solidez ao personagem James Bond, mas o que acontece em *Skyfall* é algo que ainda não havia acontecido nos outros filmes da franquia. Temos pela primeira vez um retorno ao passado do agente 007, alguns traumas familiares e conflitos sofridos por ele no começo de sua carreira aparecem no enredo para dar mais profundidade e humanizar o personagem, adequando-o à realidade cinematográfica atual. Daniel Craig, mesmo não se encaixando tanto no estereótipo físico proposto por Ian Fleming em seus livros, consegue, em *Skyfall*, trazer o charme e sarcasmo típico de James Bond, além de resgatar a relação irônica e conturbada do agente com seus superiores, principalmente Q. As brincadeiras irônicas, que sempre existiram na relação conflituosa entre os dois personagens, agora possuem ainda mais sentido, uma vez que há um desajuste geracional entre o jovem Q e o velho James Bond, que por sua vez tenta se recolocar e adequar àquele novo sistema.

Por fim, deve-se destacar a presença do vilão Tiago Raoul Silva que, tal como James Bond, aparece em uma roupagem mais humana, se comparado aos outros vilões da franquia. Ele é quase uma sombra antagonônica perfeita de James Bond: é ex-agente do M16, grande

manipulador de pessoas, vingativo, rancoroso, gênio cibernético e com indícios de homossexualidade; um ótimo contraponto ao mulherengo 007. Este vilão não anseia pela dominação mundial, possui sua jornada pessoal de vingança, mesmo que, para tanto, tenha que colocar em cheque as vidas de vários agentes do M16, de “*bond girls*”, de civis de Londres, além do próprio Bond. Entretanto, não se pode dizer que Raoul Silva se difere dos primeiros vilões da franquia: há um nítido resgate de certas características primeiras, principalmente na composição física do personagem.

Os vilões dos últimos filmes de James Bond fugiram da estrutura caricata que os primeiros receberam. Dominic Greene de *Quantum of Solace*, Le Chiffre e Sr. White de *Casino Royale* são homens com poucas anomalias físicas, não possuem dentes de aço ou qualquer nítida aparência pitoresca, algo diferente do que acontece com Tiago Silva em *Skyfall*. O vilão tem seu rosto completamente deformado pela capsula de cianeto que tomou numa tentativa frustrada de suicídio. Este rosto derretido, junto ainda de seu cabelo e sobrancelhas descoloridas dão um visual extremamente bizarro ao personagem, o que evidencia ainda mais a tentativa bem sucedida dos produtores, roteiristas e do próprio diretor, em reestruturar um novo grande vilão na história para contrapor o novo grande herói que se apresenta em *Skyfall*.

Toda essa novidade apresentada em *Skyfall* é uma consequência, mais do que óbvia, da criatividade dos roteiristas. No entanto, a partir de algumas passagens nos filmes, observa-se nas histórias de James Bond a presença de uma estrutura muito semelhante ao modelo de outros heróis. Por mais específico que seja esta figura, há similaridade nas atitudes dos personagens heroicos e nas diferentes fases das histórias. Esta relação estimulou autores, como Pedro Paulo de Oliveira Vaz (2006), a estudar mais a fundo este tema para fundamentar sua análise da sociedade contemporânea a partir das produções cinematográficas.

Vogler e a Jornada do Herói

Pergunte ao indivíduo moderno se ele acredita na veracidade das histórias contadas em James Bond? É humanamente possível um indivíduo lutar contra um vilão, em cima de um trem em movimento, ser espancado, baleado, jogado rio abaixo e ainda sair vivo, além de muito bem vestido, de toda essa situação? Se este indivíduo moderno tiver mais do que dez anos de idade é provável que ele responda: “não”. No entanto, pergunte ao mesmo indivíduo se ele nunca quis, ao menos um dia da sua vida, se tornar este herói? A resposta, muito provavelmente, será positiva. Quem não quer ser James Bond por um dia? Vencer

o vilão, salvar o mundo e de quebra ainda terminar com a mocinha? Este tipo de história possui uma grande capacidade de tocar e seduzir o espectador. Se analisarmos de forma superficial, dizemos que é por causa do glamour que envolve este personagem; mas a dinâmica que permeia esta relação espectador-personagem é muito mais complexa.

Christopher Vogler (2006) buscou compreender melhor o porquê de certas narrativas na área cinematográfica obterem mais sucesso do que outras. De acordo com o autor, isto se dá pelo fato de quase toda história de sucesso girar em torno de mitologias ancestrais, tal como a jornada do herói – conceito sistematizado por Joseph Campbell (1992).

Campbell observou que grandes narrativas atuais, de textos religiosos a livros de literatura, seguem, de forma consciente ou não, uma série de padrões de mitos antigos que foram atualizados, repetidos e recontados infinitas vezes, sem perder a mesma estrutura primária, ainda que repletos de detalhes diferentes. Não demorou muito para que os grandes estúdios hollywoodianos dessem conta do poder de influência que o modelo da jornada do herói exerce na mente humana. Jung (1964) já observava, a partir dos sonhos de seus pacientes, as repetições de imagens e atualização de mitos antigos provindos do que ele conceitua como “inconsciente coletivo”, ou seja,

“a parte da psique que retém e transmite a herança psicológica comum da humanidade” (JUNG, 1964, p.107). Para Jung, os “arquétipos”, estruturas herdadas dessas sociedades primeiras, continuam presentes no inconsciente humano e, de alguma forma, se repetem até hoje nas ações e criações humanas, de acordo com a necessidade de cada grupo social.

Desta forma, o indivíduo espectador se identifica quase que imediatamente com aquela narrativa apresentada nas telas do cinema, uma vez que a estrutura se aproxima muito dos símbolos presentes no seu inconsciente. O herói moderno, tal como Bond e vários outros, são releituras, atualizações do mesmo mito. Ancorado pelos conceitos de Campbell e Jung, Vogler estruturou a jornada do herói, muito utilizada por produtores e diretores hollywoodianos, dividindo-a em 12 etapas pelas quais o protagonista deve percorrer até cumprir seus objetivos e encontrar sua recompensa. São elas:

Mundo Comum; Chamado à Aventura; Recusa do Chamado; Encontro com o Mentor; Travessia do Primeiro Limiar; Testes, Aliados, Inimigos; Aproximação da Caverna Oculta; Provação; Recompensa (Apanhando a Espada); Caminho de Volta; Ressurreição e Retorno com o Elixir. (VOGLER, 2006, p.34)

Os enredos fílmicos normalmente são divididos em três atos que incluem a decisão do herói em agir, a ação propriamente dita e as consequências desta

ação. A Travessia do Primeiro Limiar marca a mudança do primeiro para o segundo ato, do herói deixando seu Mundo Comum e iniciando a ação em busca do seu Elixir. No segundo ato, o herói passa por testes, ganha aliados, faz inimigos e se aproxima da Caverna Oculta, onde ele vai passar por uma Provação. Nesta aproximação ele passa do segundo para o terceiro ato e vence a maior dificuldade do enredo, o sacrifício, ganhando sua recompensa e iniciando seu caminho de volta para seu mundo comum. Ainda nessa estrutura, entre esses atos existem uma crise e o clímax da história, que podem ser adiantados ou retardados, de acordo com a necessidade de tensão que cada enredo exige. Vogler também observa a existência de certos arquétipos, como Jung já caracterizou em suas análises, que sempre estão presentes nas histórias. Normalmente aparecem como personagens com uma função específica, alguns com mais frequência do que outros, mas todos com papéis determinantes no enredo. São eles: herói, mentor, guardião do limiar, arauto, camaleão, sombra e pícaro.

A construção de todos esses arquétipos, e consequentemente dos personagens, possui ligação direta com características humanas universais e por isso também são elementos utilizados para cativar o espectador. O herói, por exemplo, é aquele personagem que possui o maior número de virtudes e defeitos relacionáveis ao público, é o indivíduo em busca de

amadurecimento. Ao longo de sua jornada, além de proteger e servir, o herói deve incorporar em si mesmo partes de outros personagens e, enfim, crescer. Pode ser solitário ou agir pelo grupo, mas sempre se sacrifica por alguma causa maior. Neste mesmo raciocínio, personagens como a “sombra” e o “guardião do limiar” representam os diferentes problemas internos que os indivíduos possuem, que podem variar, de dúvidas e medos interiores a psicoses e neuroses. Já o arauto, camaleão, pícaro e o mentor, são fatos ou pessoas que fazem com que o herói busque alternativas diferentes na sua jornada. Eles exercem sempre uma mudança de percurso e motivam ou auxiliam a ação do herói, principalmente o mentor.

Christopher Vogler (2006) menciona muitos exemplos para fundamentar sua análise. James Bond é um deles. O autor cita as histórias da franquia, principalmente quando se refere aos arquétipos do mentor e do herói. Quando observa a existência dos mentores “múltiplos” e “continuados” nos filmes, Vogler cita Q, M, e Money Penny, uma vez que os mesmos quase sempre estão presentes e agem de forma diversificada nas histórias ao aconselhar, guiar, advertir e presentear James Bond com um vasto aparato tecnológico, essencial para sua sobrevivência. Além disso, Vogler usa James Bond como exemplo ao analisar a Jornada do Herói em dois pontos específicos: no ato de “apanhar a espada”

quando o agente rouba o Lektor, dispositivo soviético de tradução, em *From Russia with Love* (1963)⁵ e quando se refere às “provações físicas” que James Bond passa ao lutar contra os diversos vilões das histórias da franquia.

Este molde e seus arquétipos muito repercutiram em Hollywood e acabaram servindo de base para muitas outras grandes produções. Contudo, esta estrutura não é fixa, como bem adverte o autor; pode se modificar de acordo com a necessidade de cada roteirista e escritor. Portanto, os filmes do agente secreto não seguem necessariamente a estrutura rígida dos 12 passos do herói. Existem algumas passagens e certos arquétipos que recebem mais atenção do que outros, uma vez que o próprio herói possui características específicas e diferentes de outros heróis hollywoodianos. Por isso, daremos ênfase na estrutura que melhor representa esta especificidade de Bond, suas modificações em *Skyfall* e os arquétipos que mais se destacaram ao longo da trajetória deste personagem.

Congruências e divergências da Jornada do Herói em *Skyfall*

Christopher Vogler buscou em James Bond suporte para exemplificar sua proposta teórica e metodológica

5 br/pt: *Moscou contra* 007

de análise fílmica, o que funcionou muito bem, afinal, Bond se encaixa no estereótipo básico apresentado nos mitos do herói. No entanto, a partir do estudo específico de *Skyfall*, percebeu-se a existência de uma relação muito maior entre os filmes da franquia com a estrutura proposta por Vogler. *Casino Royale* e *Quantum of Solace* se distanciaram do formato inicial de James Bond, mas não deixam de apresentar características da Jornada do Herói. Desta forma, *Skyfall* além de retornar com a estrutura original do personagem James Bond, intensifica a presença dos arquétipos na sua estruturação.

Sacrifício, morte e renascimento são três ações muito recorrentes no cotidiano do herói sagrado e mitológico. De Jesus Cristo a Luke Skywalker, histórias de grandes heróis sempre foram estruturadas em função desta dinâmica. Vogler (2006) adverte sobre a necessidade que um escritor tem de colocar seus heróis em provações, fazer com que o protagonista alcance o limite da decadência e retorne como grande vencedor. O espectador, numa atitude catártica, espera que o herói, sendo ele o reflexo mais humano da história, passe por diversos obstáculos, caia, sofra, se machuque, bem como acontece na vida de qualquer pessoa, e no final, vença. É a arte dando margem para que os integrantes da plateia do herói saiam do cinema, da sala de TV, terminem de ler seus livros e de ouvir seus

contos, com a esperança de um renascimento pessoal. Tal como Jung (2000; 2009) observa, essas dinâmicas da vida vencendo a morte, da luz vencendo a sombra, do herói vencendo o vilão, sempre existiram desde os primórdios do mito do herói. A experiência mítica é uma necessidade humana e, por isso, parece tão arrebatadora quando inserida nos roteiros cinematográficos. Como Vogler bem observa:

As pessoas estão pagando por muito mais do que maravilhosos efeitos especiais, diálogos engraçados e sexo. Elas amam ver o herói enganar a morte. No fundo, elas mesmas adoram enganar a morte. Identificar-se com o herói que salta de volta da morte é a forma dramática de bungee-jump, de pular do alto de uma ponte, preso por um elástico. (VOGLER, 2006, p.164)

Com James Bond não é diferente. Logo no primeiro filme, em 1962, esta dinâmica apareceu, continuou até *Skyfall* e não há indícios de que vá ser substituída por outra estrutura. O agente secreto não só sente a morte na pele em todos os filmes, ele flerta com ela, não pensa duas vezes antes de atravessar os limiares da história, pois não tem medo do perigo, dos vilões e das consequências de seus atos. Esta coragem talvez seja a característica mais estimulante em James Bond: ele tem uma facilidade em se estabelecer em ambientes desconhecidos e sempre é apresentado desde o início do filme como alguém que tem uma vida agitada e

interessante, muito diferente dos outros heróis. James Bond, portanto, faz parte de uma pequena categoria, proposta por Vogler (2006), de heróis “voluntários” e “catalisadores” que, respectivamente, são conformados com seu dever e não sofrem grandes modificações psicológicas ao longo dos filmes. Não há nenhuma relutância inicial, dificuldade de aceitação por parte do agente ou “recusa do chamado”. Ele é o herói com uma personalidade perfeitamente estruturada, que pouco muda, mas efetua ações cruciais para a manutenção da vida no mundo.

No entanto, em *Skyfall* esta classificação de herói catalisador não se aplica, nem mesmo James Bond, herói da Guerra Fria, escapou à humanização de seus atos. Ao longo dos anos, os roteiristas inseriram fraquezas, defeitos e erros no agente secreto, até que, por fim, o filme *Skyfall* foi produzido e trouxe consigo um herói que aprende, renasce e melhora na história. Pela primeira vez aparecem algumas questões do passado de James Bond que não foram muito bem resolvidas, como a morte de seus pais, nunca antes citada, e sua relação com o vilão Raoul Silva. Além disso, como já referido anteriormente, Bond é baleado e tido como morto, mas tendo a possibilidade de abandonar a profissão, escolhe voltar para o Serviço Secreto Britânico, no qual tem suas habilidades testadas e reprovadas.

Esse processo de ascensão do personagem não só mostra pela primeira vez uma possibilidade de escolha de James Bond, como também expõe fraquezas corporais e psicológicas deste personagem, carências que o estimulam a buscar alternativas para superar seus próprios problemas, na busca pela adaptação àquela nova realidade do MI6. Ele ainda se sacrifica pelo seu povo, como todo e qualquer guerreiro mítico, mas pela primeira vez o herói catalisador que só mudava o exterior ao seu redor, também passa a buscar soluções internas.

Vogler (2006) sugere a todos os roteiristas e escritores que não façam de seus heróis indivíduos perfeitos, mas sim personagens com problemas e defeitos, além de inserirem “alguns momentos de crescimento e mudança, a fim de que eles não cansem, nem percam a credibilidade”.

Todo herói bem construído e redondo tem em si um vestígio dessa falha trágica, alguma fraqueza ou defeito que o faz ser completamente humano e real. Os heróis perfeitos e imaculados não são muito interessantes, é difícil se relacionar com eles. Mesmo o Super Homem tem pontos fracos que o humanizam e o tornam simpático: sua vulnerabilidade à kriptonita, a incapacidade de enxergar através do chumbo e a identidade secreta, sempre a ponto de ser revelada. (VOGLER, 2006, p.101)

Outro exemplo de relação entre o roteiro de *Skyfall* e o modelo proposto por Vogler são os vários

personagens lutando contra suas próprias adversidades e se arriscando para atingir seus objetivos. Vogler sugeriu que os escritores buscassem conhecer todos os seus personagens a fundo. Desta maneira, pode-se ver em *Skyfall* uma evolução dos arquétipos, de simples auxiliares do herói para personagens que se estruturam ao longo do filme e cumprem sua jornada particular, inclusive com certas atitudes heróicas. O novo Q deve provar para James Bond, e também para o público, que tem habilidades suficientes para ser chefe do departamento tecnológico e se arrisca ao concordar com o plano secreto de capturar o vilão Raoul Silva, um ato bastante heróico e bem sucedido. Miss Monneypenny, também neste filme, está em busca de destaque no MI6: ela cumpre a ordem de atirar no maior agente secreto do departamento, segue em campo e, no final, acaba se estabelecendo de volta a sua primeira função na franquia: a de secretária. Tudo isso dá um corpo maior na história e uma profundidade individual nunca exibida em James Bond. Mas o roteiro de *Skyfall* não pode ser considerado um exemplo da estrutura mítica rígida, pois extrapola a jornada específica do herói em dois pontos: Emma (M) e o vilão Raoul Silva.

O vilão Tiago Rodrigues, ou Raoul Silva, deseja se vingar de Emma, que o havia abandonado quando ele ainda era agente secreto. Ele não mede esforços. Para

realizar a sua vingança, explode o MI6, mata sua amante e assassina civis. O que se inicia como um estereótipo padrão dos vilões em James Bond acaba se tornando algo inédito na franquia, quando Silva cumpre com sucesso seu objetivo e mata Emma. Ele é uma perfeita oposição sombria a James Bond, na mesma medida em que herói vai evoluindo no filme, Silva também evolui e dá mais um passo em busca da sua meta final. Vê-se aqui, então, que Emma (M) não é somente a Mentora principal de James Bond, mas também o tesouro ou o “elixir” do próprio vilão em sua jornada, fato não apresentado na estrutura da Jornada do Herói de Vogler. No entanto, o papel desta personagem não para por aí. Emma, sendo presidente do Serviço Secreto Britânico, também tem que lutar contra as pressões governamentais ao MI6 e buscar a maneira menos drástica de conter Raoul Silva, uma vez que ela se sente responsável por tais atitudes do vilão. Essa dinâmica tira de James Bond o foco principal do enredo, mas ainda o mantém como principal meio de solução dos problemas. Por fim, como se não bastasse todos esses argumentos, os roteiristas de *Skyfall* conseguiram substituir e reconstruir o personagem M, uma vez que, ao ser assassinada, Emma (M) foi substituída por Mallory, que também recebe o apelido “M”, voltando à estrutura inicial apresentada no primeiro filme de James Bond, em 1962.

Considerações Finais

Neste trabalho buscou-se analisar de que maneira a Jornada do Herói proposta por Christopher Vogler foi utilizada nos filmes de James Bond e de que forma ela contribui para a reestruturação do roteiro em Operação Skyfall (2012), o filme mais recente da franquia. Primeiramente, foram apresentadas algumas características básicas dos filmes de James Bond, as histórias e os antecedentes na vida do autor Ian Fleming que influenciaram na construção do personagem. Os conceitos da Jornada do herói propostos por Vogler e os arquétipos embasados em Campbell e Jung, foram analisados para que, por fim, pudéssemos observar a relação existente entre as histórias de Bond e a esquematização de Vogler.

Podemos observar como os roteiristas extrapolam a estrutura da Jornada do herói, reverberando-a para outros personagens, como o vilão e Emma. No entanto, não há uma ruptura da estrutura de Vogler. Muito pelo contrário, o roteiro de Skyfall apresenta indícios claros de que o

James Bond de Daniel Craig é o herói que mais possui as características heroicas propostas por Vogler. As fraquezas, os defeitos, o passado e suas feridas, fazem desse novo James Bond um herói mais relacionável com o público, uma vez que ele consegue expor em suas ações, pela primeira vez, características profundamente humanas.

James Bond, portanto, é uma atualização de vários arquétipos sociais presentes no cotidiano dos indivíduos, mas também é um produto de uma indústria cinematográfica que funciona a partir das respostas do público, principalmente a partir das bilheteiras. Por isso o personagem se adapta constantemente às necessidades de cada geração e acaba representando a vida que muitas pessoas, principalmente ocidentais, desejam. Fazendo um contraponto com as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos reais no dia-a-dia, os filmes exercem uma forte influência no espectador e, para tanto, conscientemente ou não, a atualização do modelo proposto por Vogler foi essencial para adequar a história do herói, tanto às necessidades da franquia como as novas demandas dos espectadores.

Referências

- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- GARDINER, Philip. **O código de James Bond: o mundo secreto de Ian Fleming e James Bond**. Tradução: Claudia Gerpe Duarte. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. São Paulo. Ed. Nova Fronteira. 9 edição. 1964.
- _____. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Obras Completas. Vol. IX/I. Petrópolis. Ed. Vozes. 2000.
- _____. **Psicologia do Inconsciente**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SITE Oficial da franquia **James Bond no Brasil**. Disponível em: <<http://jamesbondbrasil.com/>> Acesso em: 20 de setembro de 2013.
- VAZ, Pedro Paulo de Oliveira. **James Bond: um modelo de herói na sociedade contemporânea**. São Paulo, 2006. 115p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação – ECA, Universidade de São Paulo, 2006.
- VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. Tradução e prefácio de Ana Maria Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Vídeografia

- O Satânico Dr. No**. Dir. Terence Young. Perf. Sean Connery, Ursula Andress, Joseph Wiseman. MGM/United Artists, 1962. DVD NTSC.
- Moscou contra 007**. Dir. Terence Young. Perf. Sean Connery, Daniela Bianchi, Lote Lenya. MGM/United Artists, 1963. DVD NTSC.
- 007 – Contra Goldfinger**. Dir. Guy Hamilton. Perf. Sean Connery, Gert Fröbe, Honor Blackman. MGM/United Artists, 1964. DVD NTSC.
- 007 – Cassino Royale**. Dir. Martin Campbell. Perf. Daniel Craig, Eva Green, Mads Mikkelsen. MGM/United Artists, 2006. DVD NTSC.
- 007 – Quantum of Solace**. Dir. Marc Foster. Perf. Daniel Craig, Olga Kurylenko, Mathieu Amalric. MGM/United Artists, 2008. DVD NTSC.
- 007 – Operação Skyfall**. Dir. Sam Mendes. Perf. Daniel Craig, Javier Bardem, Judi Dench. MGM/United Artists, 2012. DVD NTSC.